

Compra-se e aluga-se arma

• PM registra, ao menos, uma ocorrência por dia envolvendo menores e o uso de armas

Marcos Araújo

marcos.araujo@jfhoje.com.br

O envolvimento de adolescentes armados em ações criminosas está ficando, cada dia, mais frequente em Juiz de Fora. Na maioria das vezes são assaltos a estabelecimentos comerciais e a pedestres. Nos boletins de ocorrência da Polícia Militar (PM), diariamente, pelo menos um registro envolve a posse de arma por um menor, classificado como autor de ato infracional. A explicação para o avanço da delinquência pode estar na falta de políticas públicas voltadas para a juventude



• Para Rodolfo Rolli, crack contribui para aumentar a violência

e no crack, droga devastadora, que tem o poder de tornar o usuário mais violento. O fácil acesso a armas de fogo está na ligação de jovens com traficantes e na comercialização delas na feira livre.

Para o presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

(CMDCA), Lindomar José da Silva, quando o poder público não se faz presente, é perceptível o aumento dos casos de menores em ações delituosas.

— Em Juiz de Fora, muitos bairros da periferia não têm área de lazer para meninos e meninas. Sem atividades, muitos acabam indo para o ca-

minho do crime — constata, ressaltando que a não retomada do projeto “JF nos trilhos da Paz”, por parte da administração municipal, deixa uma lacuna, quando o assunto diz respeito a programas destinados aos adolescentes dos bairros.

— O programa começou em 2003, com verba do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), atingindo adolescentes através de aulas de capoeira e hip-hop, entre outras atividades. Porém, como foi extinto, nada sobrou para esses meninos, que acabam se envolvendo com a criminalidade. Por isso, não podemos culpá-los. Nesta sociedade que estimula o consumo, o menor é empurrado para a vida do crime, mas depois é condenado — explica Lindomar.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Além da falta de investimento, o delegado Rodrigo Rolli, titular da delegacia responsável pela Zona Leste da cidade, que compreende cerca de 80 mil pessoas, destaca que o uso de entorpecentes, principalmente o crack, é o principal fator que desencadeia a prática criminosa.

— Eles consomem a droga antes do crime, e isso faz com que se tornem muito violentos. E quanto mais o adolescente se envolve com o crack, mais sua estrutura familiar fica abalada. Todo esse contexto é acentuado com a falta de apoio que vem do governo. Isso faz com que o menor caia na delinquência — avalia Rolli.

Conforme o presidente do CMDCA, dados nacionais do Conanda mostram que 86% dos adolescentes infratores são dependentes químicos. Além disso, o perfil do menor de 12 a 18 anos de idade envolvido em atos ilícitos traçado pelo órgão mostra que 70% deles são abandonados pelos pais, 68% não possuem ensino fundamental e mais de 60% fazem parte da população negra.

— Isso não quer dizer que adolescentes da classe alta não estejam envolvidos em atos infracionais, mas qual a porcentagem? Quantos deles cumprem medidas socio-educativas? Sua estrutura é diferente, uma vez que possuem acesso a escolas e programas de cultura e lazer. Por isso, temos que cobrar do Estado políticas públicas para a juventude da periferia.

Arma na feira da Avenida Brasil

O local mais frequente onde menores conseguem comprar arma, como aponta Rodolfo Rolli, é na feira livre da Avenida Brasil.

— Tanto que as polícias Militar e Civil já tentaram coibir esse comércio, mas é difícil, pois não há condições de estarmos lá todos os domingos — justifica, lembrando que grande parte das armas que vai parar na feira é obtida nos roubos ou furtos de

residências.

TRÁFICO

O delegado ainda alega que muitas delas são obtidas através de aluguel junto ao tráfico de drogas.

— Eles pegam as armas com traficantes e praticam o roubo. Depois as devolvem, repassando parte do assalto ao dono do armamento. A Polícia Civil está intensificando o combate ao trá-

fico de drogas e à apreensão de armas. Temos que tirá-las de circulação, evitando o roubo à mão armada — garante.

Rolli afirma que a Civil não tem um estudo que discrimine de onde vêm essas armas. Entretanto, alega que podem entrar no Brasil ilegalmente pelo Paraguai, e depois de serem usadas em outros estados, chegam a Juiz de Fora.

Impunidade

Rodolfo Rolli e Lindomar José da Silva concordam em que não existe impunidade em relação aos adolescentes infratores.

— Depois da implantação do Centro Socioeducativo (CSE) em Juiz de Fora, os menores estão sendo levados efetivamente para lá, onde recebem cuidados. A meu ver, a Justiça, nesses casos, está sendo rápida e cumprindo de maneira eficaz o seu papel — considera Rolli.

Silva explica que antes da inauguração do CSE em Juiz de Fora, as medidas já eram executadas, até dentro do Ceresp.

— O que existe na ideia

das pessoas é uma desorganização da sociedade como um todo, que leva o menor a crer na impunidade, mas isso vai acabar com a rapidez da aplicação das medidas — resume o representante do CMDCA, completando que ainda faltam oficinas profissionalizantes no Santa Lúcia, mas que Juiz de Fora está no caminho certo no que se refere à questão de adolescentes infratores.

— O percentual de reincidência nas medidas socioeducativas é de 20%, enquanto no sistema prisional é de 60%.

Faisão Dourado Restaurant Desde 1947

Aberto de 2ª a Domingo para Almoço e de 2ª a Sábado para Jantar

Sábado: BUFFET DE FEIJOADA - R\$17,00 (p/ pessoa)

Rua Halfeld, 316 • Juiz de Fora

FAÇA SUA RESERVA 3215-9058